

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA: RELATO DE FAMÍLIAS E PROFISSIONAIS

Débora Deliberato

debora.deliberato@unesp.br

Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília

Introdução

A literatura tem apontado a importância do trabalho conjunto entre os diferentes profissionais, escola e a família na definição dos sistemas e recursos suplementares e alternativos de comunicação (NUNES, 2003; VON TEZTCHNER *et al.*, 2005, VON TEZTCHNER, 2009). Autores afirmaram que os pais e irmãos de crianças com severos problemas de comunicação são figuras centrais na vida das crianças, sendo parceiros importantes na intervenção:

[...] as crianças não se tornarão utilizadores competentes de signos gestuais, gráficos e tangíveis sem que os membros da família compreendam e apoiem esse esforço” (TETZCHNER; MARTISEN, 2000, 267).

Rothschild e Norris (2001) discutiram a necessidade de os pais e demais profissionais serem participantes da equipe de profissionais que irão trabalhar com a criança e o jovem. Os pais querem conhecer os sistemas de comunicação suplementar e alternativa e precisam compreender a importância da comunicação funcional, que ocorre a toda hora e todos os dias.

As pesquisas argumentaram que o trabalho envolvendo família e demais profissionais podem gerar e manter o comportamento comunicativo das crianças e jovens usuários de sistemas suplementares e alternativos de comunicação em situação escolar ou no lar (REICHLE, 1997), assim como também poderiam garantir, cientificamente, o avanço do desenvolvimento comunicativo dessas crianças e jovens (HETZRONI; LANDAU; BEM-ZVI, 2000).

O envolvimento de familiares e profissionais da saúde e educação no processo de seleção, implementação e acompanhamento de sistemas suplementares e alternativos de comunicação implica um trabalho em equipe com ênfase na colaboração dos participantes, inclusive do próprio usuário das linguagens alternativas.

Nesse sentido, Deliberato, Manzini e Guarda (2004) afirmaram e alertaram a necessidade de capacitar os profissionais, professores e educadores no contexto da comunicação suplementar e alternativa para que os usuários das linguagens alternativas possam ter um suporte favorável não somente durante os procedimentos de reabilitação, mas também, nos ambientes naturais.

Compreender o aluno com deficiência e suas habilidades e necessidades envolve entender e conhecer seus aspectos ambientais e biológicos, ou seja, o aluno com deficiência pode apresentar déficit nos aspectos perceptuais (auditivos, visuais), aspectos cognitivos, além da possibilidade de ter poucas experiências durante seu desenvolvimento e reduzida oportunidade de comunicação e escolarização (SMITH, 2003; SMITH; GROVE, 2003).

Nesse contexto, os professores e demais profissionais envolvidos com os programas de intervenção devem direcionar as ações para a linguagem como um todo, para que as crianças e jovens com deficiência possam conquistar a competência linguística nos diferentes ambientes. (SMITH, 2003; DELIBERATO; MANZINI, 2008, 2012).

Perante essas questões, o objetivo dessa apresentação é apresentar resultados dos relatos de familiares e profissionais das crianças e jovens usuários de sistemas suplementares e alternativos de comunicação.

Objetivo

Descrever os relatos de mães e profissionais de crianças e jovens com deficiência que usam sistemas suplementares e alternativos de comunicação.

Método

Este estudo fez parte da pesquisa: *Desenvolvimento da linguagem e da comunicação assistida de crianças e jovens especiais: uma investigação cultural* foi submetida ao parecer do comitê de ética em pesquisa, com o parecer nº 615/2008 e o registro no CONEP: 14968.

Participantes

Perante os critérios de seleção das crianças e jovens usuárias de sistemas suplementares e alternativos de comunicação foram selecionados os familiares e profissionais descritos nos quadros 1 e 2 a seguir:

Quadro 1 - Mães das crianças e jovens usuários de sistemas suplementares e alternativos de comunicação

Familiar	Idade	Escolaridade	Profissão
M1	32 anos	2º grau completo	Auxiliar Operacional
M2	25 anos	2º grau completo	Do lar
M3	42 anos	6ª série	Empregada doméstica
M4	30 anos	2º grau incompleto	Do lar
M5	26 anos	2º grau completo	Vendedora
M6	44 anos	8ª série	Do lar
M7	46 anos	Analfabeta	Do lar
M8	28 anos	7ª série	Do lar
M9	29 anos	2ª série	Do lar
M10	32 anos	1º grau completo	Do lar

Fonte: elaboração própria.

Quadro 2 - Profissionais da saúde e educação envolvidos com as crianças e jovens selecionados

Profissional	Gênero	Faixa etária	Formação	Tempo de experiência
P1	F	40 a 50 anos	Fonoaudióloga	25 Anos
P2	F	20 a 30 anos	Fonoaudióloga	1 Ano
P3	F	31 a 40 anos	Fonoaudióloga	9 Anos
P4	F	20 a 30 anos	Fonoaudióloga	3 Anos
P5	F	40-50	Fisioterapeuta	28 anos
P6	F	30-40	Terapeuta Ocupacional	8 anos
P7	F	30-40	Professora - Habilitação em Ed. Especial	15 anos
P8	F	30-40	Professora - Habilitação em Ed. Especial	8 anos
P9	F	20-30	Professora - Habilitação em Ed. Especial	3 anos
P10	F	30-40	Professora - Habilitação em Administração escolar	4 anos
P11	F	30-40	Professora - Licenciatura - história	5 anos
P12	F	20-30	Professora - Ciências Sociais	4 anos
P13	F	20-30	Professora - Habilitação em Educação Especial	5 anos

Fonte: elaboração própria.

Instrumentos de coleta

Foram utilizados roteiro de entrevista, checklist e escala de avaliação para a identificação das informações. Nesse momento serão apresentados os resultados obtidos por meio da utilização do roteiro de entrevista das mães e fonoaudiólogas participantes.

Procedimento de coleta de dados

As entrevistas, checklist e escala de avaliação foram previamente agendadas com os profissionais (fonoaudiólogos) e familiares (mães) das crianças e jovens, sendo realizadas em um centro de atendimento especializado de uma Universidade Pública do interior de São Paulo e/ou na casa dos participantes, conforme preferência dos mesmos.

Procedimento de análise

As entrevistas foram ouvidas e realizadas as transcrições na íntegra. A partir dos dados obtidos por meio da transcrição das fitas foi realizada a análise de conteúdo e obtenção das categorias significativas perante o objetivo: *identificar a percepção das mães e profissionais a respeito do perfil comunicativo produzidos por crianças e jovens com idades entre 5-15 anos usuários de comunicação suplementar e alternativa* para serem apresentados nesse momento.

A análise de conteúdo foi estabelecida perante as propostas de Bardin (2004) e as categorias e subcategorias obtidas estão descritas no quadro três a seguir:

Quadro 3 - Categorias e subcategorias a respeito da percepção de familiares (mães) e fonoaudiólogos

Categorias	Subcategorias
Habilidades Comunicativas	Compreensão
	Expressão
	Vocabulário
Habilidades sensório-motoras	Condições para o uso do recurso de CSA
Recurso de Comunicação Suplementar e Alternativo	Uso do recurso de CSA
	Atividades realizadas na escola

Fonte: elaboração própria.

As categorias e subcategorias foram avaliadas por juízes da área, com os seguintes índices de concordância seguindo os critérios de Carvalho (1996): juiz A (P-A) = 86,77%; juiz B (P-B) = 85,30%.

Resultados e Discussão

Categoria Habilidades Comunicativas

O desenvolvimento da linguagem compreende a capacidade de compreender e utilizar formas e estruturas lingüísticas, sendo elemento importante no domínio gradativo da criança sobre o mundo. O desenvolvimento lingüístico se dá como resultado das interações entre a biologia e as experiências do indivíduo, principalmente nos ambientes naturais, como no caso da escola e família (NUNES, 2003; VON TETZCHNER *et al.*, 2005).

Chun (2002), Limongi (2009) alertaram que crianças e jovens com paralisia cerebral acabam utilizando de habilidades não-verbais para se fazerem entendidos, como no caso do uso do olhar, sorriso, expressões faciais, traços prosódicos, entre outros. Neste contexto de discussão Von Tetzchner (2009) advertiu a necessidade de interlocutores competentes para compartilharem com estas crianças e jovens o desafio do entendimento das diferentes habilidades expressivas utilizadas. O mesmo autor também discutiu a necessidade de suporte do ambiente para que os usuários de sistemas de CSA possam desenvolver a linguagem e, com isto terem a possibilidade de domínio sobre as questões lingüísticas do sistema de representação utilizado (DELIBERATO, 2010).

As crianças e jovens usuárias de sistemas de CSA nem sempre acabam tendo a oportunidade de compartilhar com diferentes interlocutores competentes no uso dos sistemas de CSA e, com isto acabam não desenvolvendo habilidades de compreensão e expressão dentro do esperado para o desenvolvimento de maneira típica (VON TETZCHNER, 2009).

Nesse contexto, foi possível identificar por meio dos relatos dos profissionais e familiares os seguintes exemplos a respeito dos aspectos de compreensão dos alunos selecionados:

Subcategoria: Compreensão

(P1 – C4): Ele entende bem o que a gente fala com ele dentro do contexto, ele tem uma boa compreensão, não só do verbal, mas das coisas que acontecem no ambiente, ele percebe muito, muitas situações que estão implícitas em expressões faciais, ele consegue entender bem a situação. Embora eu ache que ele tem um bom potencial cognitivo, mas ele não está dentro da faixa etária da idade dele.

(P1 – C1): Ele é uma criança que a compreensão, me parece bem satisfatória, para a idade dele, do ponto de vista de situações de rotina de vida diária. Acho que dependendo do conteúdo, principalmente o acadêmico ele pode não acompanhar, porque não é a rotina.

M 4: Se você tá falando dela aqui, ela tá entendendo. Tipo se alguém chegar “ai coitadinho”. Então ela tá entendendo que fala que ela é coitadinha, que não é coisa boa pro lado dela, então ela consegue entender bem.

(M 10 – C10): Eu acho que a compreensão é quase igual das outras crianças.

Subcategoria: Habilidades Expressivas

(P1 – C1): Porque ele tem habilidade de fazer desenhos. Isso é o diferencial dele com as outras crianças, que tem habilidades expressadas de modo não verbal, que é o potencial de fazer desenho.

(P1 – C4): Do ponto de vista de expressão, ele é uma criança muito difícil, porque o comportamento dele impede com que ele expresse todo o potencial que eu acho que ele tem então ele fica muitas vezes fazendo birra com o interlocutor porque ele quer fazer o que ele quer, então ele sabe a resposta, a gente percebe que ele tem um bom entendimento, que ele sabe responder, mas ele se nega a responder, porque ele supõe que o outro já tenho o entendido.

(M 1- C1): Sempre foi a fala, mas antes era difícil de entender, agora tá mais fácil.

(M 10-C10): Ela pula, ela bate as mãos, ela consegue se expressar, se ela tá gostando se não.

Subcategoria: Vocabulário

(P1 – C1): Ele gosta muito de coisa de rua, ele gosta muito de bola, de pipa. Ele é muito ligado em atividades de rua, de moleque mesmo.

(P2 – C2): Algumas figuras ela já conhecia devido às histórias e os novos eu tive que fazer por diversas sessões e ir associando com objetos. Por exemplo, eu tava contando a história do Chapuzinho Vermelho aí tinha o lobo mal, aí eu tinha o conceito do bom e do mal, aí ela fazia a associação.

(M 1-C1): Além de ela querer uma atenção maior querendo conversar e contar as coisas, ela gosta de sair, ir comer lanche, comer pizza, ir ao shopping. Coisas da idade dela.

Categoria Habilidades sensório motoras

Luria (1981) discutiu a importância dos aspectos sensoriais e perceptivos para a aquisição e desenvolvimento da linguagem. As habilidades sensoriais e motoras preservadas podem garantir ao usuário de sistemas suplementares e alternativos de comunicação maior domínio no uso do recurso selecionado e adaptado para as questões de comunicação. Desta forma Pelosi (2009) alertou que o tipo de mobilidade do usuário e sua capacidade de manipulação dos objetos do dia a dia interferem na escolha do recurso de comunicação alternativa. Tal fato pode ser visualizado nos exemplos a seguir:

(P1-C1) Acho que cada um tem sua especificidade, principalmente no ponto de vista de acesso motor. Então ele é um jovem que tem um bom acesso motor, mas em termos de habilidades, ele acaba sendo semelhante a outras crianças no uso de habilidades não verbal e não oral.

(P2 – C2): A atenção visual dela, ela tem dificuldade. Ela precisa do objeto associado à figura ainda.

(P1 – C4): É bastante difícil trabalhar com ele e com as crianças semelhantes a ele principalmente do ponto de vista motor não do ponto de vista do potencial e cognição. Principalmente do ponto de vista de adaptação de recursos, eles entendem o sistema, mas fica mais difícil a adequação.

Categoria: Recursos de Comunicação suplementar e alternativa

Deliberato (2009) apresentou um programa de intervenção para usuários de sistemas suplementares e alternativos nas escolas e advertiu a necessidade de adaptações de recursos a cada especificidade de aluno para que a eficácia dos programas seja estabelecida. A adaptação dos recursos poderia favorecer a participação dos alunos com deficiência na rotina das atividades escolares e também na rotina do processo terapêutico.

As pranchas de comunicação, livros, álbuns são dispositivos simples que consistem em superfícies sobre as quais são dispostos os símbolos. As pranchas são personalizadas considerando-se as possibilidades cognitivas, visuais e motoras de seu usuário, e podem estar soltas ou agrupadas em álbum ou cadernos (PELOSI, 2009). A quantidade de símbolos que o dispositivo apresenta é determinada pela capacidade do usuário em localizá-lo, e o tipo de símbolo depende da habilidade do usuário em compreender as representações gráficas (PELOSI, 2009)

Nos exemplos a seguir é possível observar, por meio dos relatos, as habilidades das crianças para o uso dos sistemas gráficos e os recursos oferecidos para a inserção destes sistemas selecionados:

Subcategoria: Uso de sistemas e recursos de Comunicação suplementar e alternativa

Sistema

(P1 – C1): Com sistema gráfico, usa, mas ainda é limitado. Embora haja uma ênfase no trabalho para ele tentar usar o sistema gráfico, por meio de uma pasta, ainda há certa resistência na generalização do uso, por falta de apoio familiar.

(P1 – C4): Ele usou a prancha de objetos, ai ele usou prancha de fotos, ai a mediação entre foto figura, hoje ele esta com uma prancha só de figuras do PCS (Picture Communication Symbols).

Recurso

(P1 – C4): Agora a adaptação do recurso foi necessária adaptar vários modelos, porque C4 utiliza ou não um material dependendo do interlocutor. O interlocutor pode auxiliar na indicação do estímulo, porque ora ele consegue, ora não. Então a gente foi passando por pranchas de caderno, pranchas avulsas até que chega à pranchinha dele hoje do tamanho de caderno, tipo calendário, que parece que está dando mais certo.

(P4 – C5): O material é uma pasta tipo um fichário.

Subcategoria: atividades escolares

(P3 – C3): Ele participa de uma oficina de leitura e escrita, tem uma fonoaudióloga, né que faz o trabalho dentro da sala de aula dele de leitura e escrita adequado ali no momento da sala, agora não específico para ele.

(P5 – C5): Ela gosta muito de mexer no computador, de trabalhar no computador, com histórias, ela gosta de atividade com brincadeiras com boneca.

(M 1- C1): A professora fala para ela, B. se você quiser água você mostra para mim. A comunicação alternativa, as figuras pelo fato de que é todo mundo que sabe. Na escola ela tem usado no banheiro, para tomar água, assim.

(M 2 – C2): A professora M. adaptou o livro inteiro dele.

Conclusão

Os resultados obtidos por meio dos relatos das mães identificaram: 1. Habilidades comunicativas de seus filhos antes da implementação dos sistemas suplementares e alternativos de comunicação, 2. Potencialidade e necessidade comunicativa, 3. As potencialidades comunicativas de seus filhos tanto na compreensão como na expressão de idéias, mensagens, pensamentos, sentimentos e emoções; 4. Importância do uso dos recursos de comunicação suplementar e alternativa principalmente para seus filhos serem compreendidos por diferentes interlocutores fora do ambiente escolar e familiar, 5. O ambiente escolar é o local mais apropriado para seus filhos utilizarem os recursos de comunicação suplementar e alternativa devido à importância da comunicação para o processo de ensino e aprendizagem.

Os resultados obtidos por meio dos relatos dos fonoaudiólogos identificaram: 1. A habilidade de compreensão dos usuários de sistemas de CSA está relacionada com o contexto e experiências dos mesmos, 2. Os usuários de sistemas de CSA utilizam habilidades verbais e não-verbais e tais habilidades dependem das características sensório-motoras dos usuários e da habilidade de entendimento dos interlocutores, 3. O vocabulário básico é importante para o uso funcional do sistema gráfico selecionado, 4. Os recursos de CSA devem ser adaptados à diversidade de características do usuário, do ambiente, tarefa e do interlocutor, 5. Os recursos de comunicação suplementar e alternativa devem ser utilizados em atividades programadas e funcionais.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. Ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- CARVALHO, A. M. P. O uso do vídeo na tomada de dados: pesquisando o desenvolvimento do ensino em sala de aula. **Pro-posições**, v. 7, n. 1, p. 5-13, 1996.
- CHUN, R. Y. S. Questões de Linguagem na Comunicação Suplementar e/ou Alternativa. In: LACERDA, C. B. F.; PANHOCA, I. (org.). **Tempo de Fonoaudiologia III**. Taubaté, Cabral Editora Universitária Ltda., 2002, cap. 5, p. 73 – 98.
- DELIBERATO, D. **Caracterização das habilidades expressivas de um aluno usuário de comunicação alternativa durante intervenção fonoaudiológica**. 2010. 178 f. Tese de Livre-Docência – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.
- DELIBERATO, D. Comunicação alternativa na escola: habilidades comunicativas e o ensino da leitura e escrita. In: DELIBERATO, D.; GONÇALVES, M. J.; MACEDO, E. C. (org.). **Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa**. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2009. p. 235-243.
- DELIBERATO, D.; MANZINI, E. J. Identification of the communicative abilities of children and young adults with cerebral palsy for the implementation of augmentative and alternative communication resources in the familiar context. In: BIENNIAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR AUGMENTATIVE AND ALTERNATIVE COMMUNICATION, 13., Montreal. **Conference Proceedings...** Montreal. ISAAC, 2008. p. 104–105.

- DELIBERATO, D.; MANZINI, E.J. Identification of the Communicative Abilities of Brazilian Children with Cerebral Palsy in the Family Context. **Communication Disorders Quarterly**, 33, p.195-201, 2012.
- DELIBERATO, D.; MANZINI, E. J.; GUARDA, N. S. Implementação de recursos suplementares de comunicação: participação da família na descrição de comportamentos comunicativos dos filhos. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, Mai.-Ago. 2004, v.10, n.2, p.217-240.
- HETZRONI, O. E.; LANDAU, O.; BEN-ZVI, A. Partnership with families: communication intervention in a preschool for toddlers with developmental disabilities. In: BIENNIAL CONFERENCE OF THE INTERNACIONAL SOCIETY FOR AUGMENTATIVE AND ALTERNATIVE COMMUNICATION, 9, 2000, Washington. **Proceedings of ISSAC ...** Washington: ISAAC, 2000.
- LIMONGI, S. C. O. I. Instrumentos de avaliação na comunicação alternativa. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA, 2009. **Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa.** São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2009.p. 158-162.
- LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia.** São Paulo: EDUSP, 1981.
- NUNES, L. R. O. P. Linguagem e comunicação alternativa: uma introdução. In: NUNES, L. R. O. (org.). **Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais.** Rio de Janeiro: Dunya, 2003. p. 1-13.
- PELOSI, M.B. Tecnologias em comunicação alternativa sob o enfoque da Terapia Ocupacional. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA, 2009. **Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa.**São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2009.p. 163-173.
- REICHLE, J. Communication intervention with persons who have severe disabilities. **The Journal of Special Education**, v. 31, 110-134, 1997.
- ROTHSCHILD, N.; NORRIS, L. **Augmentative and alternative communication: management of severe communication disorders in children and adults.** Brazil: Workshop, 2001.
- SMITH, M. M. Environmental influences on aided language development: the role of partner adaptation. In: VON TETZCHNER, S.; GROVE, N (Ed.). **Augmentative and alternative communication: developmental issues.** London: Whurr, 2003. p. 155-175.
- SMITH, M. M.; GROVE, N. Asymmetry in input and output for individuals who use AAC. In: LIGHT, J. C.; BEUKELMAN, D.R.; REICHLE, J.; (org.). **Communicative competence for individuals who use AAC: from research to effective practice.** Baltimore: Paul H. Brookes Publishing, 2003. p. 163-195.
- VON TEZTCHNER, S. Suporte ao desenvolvimento da comunicação suplementar e alternativa. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA, 2009. **Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa.** São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2009.p. 14-25.
- VON TEZTCHNER, S; *et al.* Inclusão de crianças em educação pré-escolar regular utilizando comunicação suplementar e alternativa. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília. Mai-ago 2005. v. 11, n.2, p.151-184.
- VON TETZCHNER, S.; MARTINSEN, H. **Introdução à comunicação alternativa.** Portugal: Porto Editora, 2000.